

DIÁRIO  
DE NATAL

EDIÇÃO EXTRA

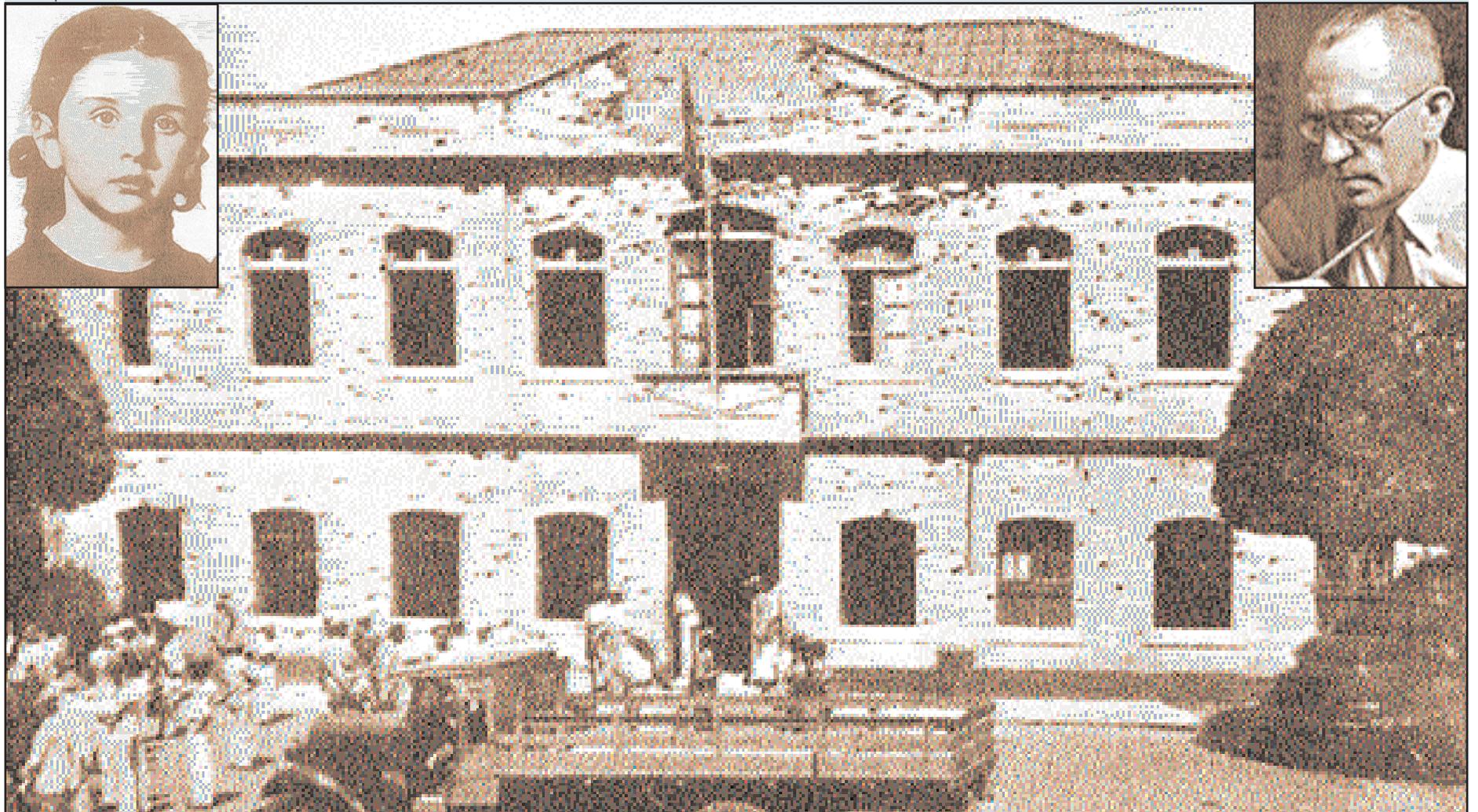
# EDUCAÇÃO

NATAL, TERÇA-FEIRA, 29 DE NOVEMBRO DE 2005

## Três dias que marcaram a história

A HISTÓRIA DO MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO DE 35 NO RIO GRANDE DO NORTE

Fotos Arquivo/DN



A IMAGEM DA REVOLUÇÃO É O QUARTEL DA POLÍCIA CRIVADO DE BALA. NO DETALHE, ANITA LEOCÁDIA E GRACILIANO RAMOS

ORELHA DE LIVRO

ALGUMAS DICAS DE LIVROS COM ENFOQUE SOBRE O MOVIMENTO DE 1935

Prestes: Lutas e Autocríticas Denis de Moraes e Francisco Viana Editora Vozes, 1982



A obra apresenta o acidentado e tempestuoso périplo político de Luís Carlos Prestes, sem, em nenhum momento, se engajar na sua linha. Através dos autores, fala o homem, integrado nas circunstâncias, reconstruídas a partir de outros depoimentos e do noticiário da imprensa, escrupulosamente filtrado. Este é o mérito principal deste livro, que, ao ultrapassar o depoimento, passivamente colhido, incursiona na história oral, integrando o ator no cenário do país.

As dunas vermelhas: Romance no tempo de rebelião Nei Leandro Castro AS Editores, 2003



O autor potiguar Nei Leandro Castro usa a insurreição natalense como pano de fundo para o seu romance As dunas vermelhas. Os fatos históricos são respeitados, personagens reais comparecem com seus nomes verdadeiros, mas não se trata de um romance histórico. Essa essência, tramas de amor, traição, humor e crimes passionais prevalecem sobre o que ocorreu naqueles dias de novembro de 1935.

A Insurreição Comunista de 1935: Natal - O primeiro Ato da Tragédia Homero Costa Editora Ensaio, 1995



O livro insere-se no movimento renovador iniciado pelos estudos de Marly Viana e Paulo Sérgio Pinheiro, acrescentando a eles novas angulações e até corrigindo algumas imprecisões, dado o caráter localizado e minucioso da pesquisa. Vasculhando os autos do Tribunal de Segurança Nacional, Homero Costa concentrou sua atenção basicamente na cidade de Natal, ponto nevrálgico da insurreição. Assim fazendo, pôde reconstituir as forças operantes no interior da vida social.

O Comunismo no Brasil John W. F. Dulles Editora Nova Fronteira, 1985



Entrevistas exclusivas com os principais militantes de esquerda da década 1935/45 e exaustiva pesquisa nos arquivos, tanto do Partido Comunista Brasileiro, quanto da polícia brasileira, tornaram possível este livro. O Comunismo no Brasil conta, minuciosamente, este violento capítulo da história latino-americana, a luta do Partido Comunista Brasileiro para sobreviver durante a repressão, quando as mais brutais formas de tortura foram usadas para combater a esquerda.

82 horas de Subversão João Medeiros Filho Editora do Senado Federal, 1980



O título compreende o período de tempo entre 19h do dia 23 às 5h do dia 27 de novembro de 1935, começo e fim do levante, ao que se seguiram as providências de "limpeza" após a fuga do grosso dos militares e civis nele comprometidos. Trata-se de uma valiosa contribuição para a geração que viveu o período da chamada Intentona Comunista, como também para as gerações seguintes, trazendo à lembrança uma fase política conturbada e infundir conhecimentos de fatos passados e à compreensão de atos que poderiam ser mal interpretados sob a inspiração de comentaristas apressados e muitas vezes tendenciosos.

A Intentona Comunista de 1935 José Campos de Aragão Editora da Biblioteca do Exército, 1973



O livro é um repositório de fatos que marcaram profundamente a alma militar brasileira no trágico acontecimento de 1935. É uma contribuição para a pesquisa histórica de uma época agitada e, menos ambiciosamente, uma leitura que atrai pelo tema e a maneira com quem foi tratado. A obra está organizada em duas grandes partes. Na primeira, o autor descreve os padrões da insurreição. E a segunda é dedicada ao movimento armado em si, desde o deflagrar até a derrota final.

EDITORIAL

MOVIMENTO DE 1935

Para registrar os 70 anos do Movimento Revolucionário de 1935, quando o Partido Comunista, sob o comando de Luiz Carlos Prestes, tentava tomar o poder no país, o Diário de Natal traz para o leitor um caderno especial, com um levantamento histórico de todos os fatos importantes ocorridos no Rio Grande do Norte, única capital brasileira que manteve o governo comunista por três dias. O levantamento foi todo realizado pelo médico e professor da UFRN, Ivis Bezerra, em um trabalho primoroso.

O caderno é ainda engrandecido com artigos das professoras Maria Conceição Pinto de Góis e Brasília Carlos Ferreira, que fazem suas análises sobre o Movimento de 35, a obra de Graciliano Ramos, escrita durante seu período na prisão, e um pouco da vida de Anita Leocádia Prestes, filha de Olga e Luiz Carlos Prestes e que hoje se tornou referência como historiadora brasileira.

E é justamente com Anita Prestes a entrevista de abertura do caderno, fazendo uma análise do momento político atual.

Para lembrar os 70 anos, da revolta comunista, a Fundação José Augusto promove, hoje e amanhã, o Seminário "A Revolta de 1935 - Setenta Anos Depois". O seminário acontece no Palácio da Cultura, a partir das oito horas com a participação da governadora Wilma de Faria.

EXPEDIENTE

DIRETOR PRESIDENTE Gladstone Vieira Belo

DIRETOR GERAL Albimar Furtado

DIRETOR DE REDAÇÃO Osair Vasconcelos

CHEFE DE REDAÇÃO Carlos Magno Araújo  
PROMOÇÕES E PROJETOS ESPECIAIS Afonso Laurentino Ramos

GERENTE COMERCIAL João Maria Medeiros

GERENTE DE MARKETING Alexandre Mulatinho

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO Wível Castro

GERENTE DE CIRCULAÇÃO Sérgio Farias

GERENTE DE ATENDIMENTO Umberto Mattos

EDIÇÃO

Carlos Magno Araújo e Valéria Credício

REVISÃO

Francisco Francerle e Adriana Amorim

FOTOS E DOCUMENTOS

Arquivo Diário de Natal

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA

DESIGN E DIAGRAMAÇÃO José Carlos Santos e Silvana Belkiss

AGRADECIMENTOS

Ivis Bezerra, Maria Conceição P. de Góis e Brasília Carlos Ferreira

E-MAIL redacao@diariodenatal.com.br

**A**braçando o legado histórico deixado por seus pais, Anita Leocádia Prestes se transformou em uma das principais pesquisadoras no que diz respeito à história do Brasil. Além de historiadora, Anita é economista e química. Toda sua experiên-

cia, compartilhada com seus alunos da UFRJ e leitores de seus livros, a filha de Olga e Luiz Carlos faz uma análise do movimento de 1935 e da influência de seu resultado na política atual brasileira, em entrevista ao caderno especial do Diário de Natal.

# A filha da solidariedade

VALÉRIA CREDIDIO  
DA EQUIPE DO DIÁRIO DE NATAL

**Seus pais escreveram uma das passagens mais importantes da história política brasileira. Qual o legado deixado por eles para a senhora e para as gerações futuras?**

Penso que o legado principal seja o de dedicação total à luta pela igualdade e justiça social para toda a humanidade.

**O fato da senhora ter vivenciado de perto momentos históricos influenciou na sua escolha profissional e no seu caminho como pesquisadora?**

Não; até por que, na minha opinião, em qualquer profissão é possível ser útil à humanidade.

**Em um de seus livros - "Da insurreição armada (1935) à União Nacional (1938 - 1945)" - publicado em 2001, pela editora Paz na Terra, a senhora aborda pontos polêmicos como o paradoxo das ações do PCB, contra e a favor de Vargas. Qual a sua análise desses fatos?**

Seria muito longo responder a tal pergunta. O melhor é aconselhar a leitura do meu livro citado. Resumidamente, como resultado da pesquisa que realizei, pude mostrar que a política de "União Nacional" adotada pelo PCB não foi uma criação do partido ou da Internacional Comunista - organização mundial da qual os partidos comunistas faziam parte na época -; resultou da situação histórica concreta existente no país e no mundo nos anos de 1938-45. A "União Nacional", no Brasil, refletiu a combinação específica de uma série de fatores nacionais e internacionais presentes naquele período, fatores que terminariam por levar as potências do Eixo à derrota.

**A senhora acredita que a derrota em 1935 deveu-se ao movimento não contar com o apoio popular? Teria sido um erro de estratégia?**

A derrota dos levantes antifascistas de 1935 teve várias causas, conforme mostro no meu livro "Luiz Carlos Prestes e a Aliança Nacional Libertadora; os caminhos da luta antifascista no Brasil (1934/35)", Ed. Vozes, 1997. A meu ver, houve um erro de avaliação da situação existente no país; em

Fotos Arquivo/DN



Anita Leocádia Prestes, ainda moça, no Rio de Janeiro, onde mora em companhia de sua tia

grande parte tal erro estava relacionado com a força das concepções golpistas presentes na sociedade brasileira.

**O jornalista Willian Waach, em seu livro "Camaradas" fala do movimento brasileiro de 1935, retirando um pouco do "romantismo" que ainda existia em torno da organização para tirar Getúlio Vargas do poder. Como a senhora avalia a obra?**

É a obra de um inimigo de classe, de um agente a serviço dos interesses do grande capital internacionalizado, com o objetivo de tentar desqualificar a luta dos revolucionários. É um livro que não tem a menor credibilidade, pois não podem ter credibilidade documentos que ninguém viu ou se sabe onde estão. O autor revela total falta de seriedade no tratamento da documentação usada.

**Como a senhora observa a influência da Insurreição na política brasileira?**

Embora os levantes antifascista de novembro de 1935 tenham sido derrotados, a luta encabeçada pelos comunistas criou uma consciência antiimperialista, antilatifúndio, antifascista e antiintegralista no Brasil. Tal consciência revelou-se mais tarde na luta pela entrada no Brasil na Guerra, no início dos anos 40.

**As classes hegemônicas até hoje satanizam a Insurreição - chamada também de Intentona Comunista - em cerimônias militares. Por que essa visão permanece até no movimento?**

Tal visão, como muitas outras criadas e difundidas pelos donos do poder, permanecem por que são do interesse das classes dominantes, que controlam os meios de comunicação e constroem a chamada História Oficial.

**Tanto no livro, como no filme Olga a senhora é mencionada, integrando a história nacional. Como foram seus primeiros anos de vida? O Partido Comunista auxiliou, de alguma forma, em sua formação pessoal e educacional?**

Seria muito longo responder a tal pergunta. Posso considerar-me filha da solidariedade internacional, pois foi uma campanha internacional liderada pela minha avó Leocádia Prestes, que salvou minha vida das garras do nazismo. Durante toda minha vida recebi sempre solidariedade dos comunistas e das pessoas de bem do mundo inteiro. Além disso, fui educada por minha avó e minha tia Lygia no sentido de ser uma pessoa sensível aos grandes problemas da humanidade, principalmente voltada para a busca de soluções para as injustiças sociais.

ANITA LEOCÁDIA PRESTES

OLGA BENÁRIO, MINHA MÃE

ANITA LEOCÁDIA PRESTES  
HISTORIADORA

Olga, grávida de sete meses, foi deportada para a Alemanha nazista pelo governo Getúlio Vargas, em setembro de 1936. Companheira dedicada de Luiz Carlos Prestes, meu pai, a quem salvara a vida quando ambos foram presos, pela polícia de Filinto Müller, em 5 de março daquele ano, no subúrbio carioca do Méier. Na ocasião, ela se interpusera corajosamente entre as policiais e o marido, impedindo o seu assassinato.

A deportação de Olga Benário Prestes e Elise Ewert - ambas militantes comunistas alemãs - foi um gesto de boa vontade de Vargas em relação a Hitler, expressando a aproximação então em curso entre os dois governos. Foi também vingança e castigo cruel impostos ao grande inimigo do regime varguista - Luiz Carlos Prestes, o "Cavaleiro da Esperança" para tantos brasileiros. Olga e Elise viajaram ilegalmente, sem culpa formada, sem julgamento nem defesa. Na calada da noite foram embarcadas num navio cargueiro, que partiu rumo a Hamburgo com ordens expressas de não parar em nenhum outro porto estrangeiro, pois havia precedentes de os portuários franceses e espanhóis resgatarem prisioneiros deportados para a Alemanha. Minha mãe ficou presa incommunicável na prisão de mulheres de Barminstrasse (Berlim), onde nasci, em novembro de 1936. Como resultado de importante e vigorosa campanha internacional pela libertação de Prestes e dos presos políticos no Brasil, assim como de Olga e de sua filha, fui entregue pela Gestapo à minha avó paterna - Leocádia Prestes, mulher valente e decidida, que encabeçava a campanha. Quando me separaram de minha mãe contava apenas 14 meses de idade. Não pude, portanto, guardar nenhuma lembrança dela. Logo depois, Olga seria transferida para outra prisão, em condições muito piores e, mais tarde, para o campo de concentração de Ravensbrück. Em abril de 1942, era assassinada numa câmara de gás no campo de Bernburg. A tragédia que atingiu Olga marcou minha vida. De que maneira? Poderia ter me tornado uma pessoa amargurada e descrente da humanidade, convencida de sua maldade intrínseca. Ou poderia ter me levado a pensar que os homens, embora em sua maioria não sejam maus, facilmente se deixam arrastar pela maldade de alguns. Sendo assim, não haveria por que acreditar no progresso da humanidade, não existiriam razões para qualquer otimismo em relação ao seu futuro.

Cresci e fui educada no seio de uma família comunista - a família de meu pai. Minha avó Leocádia, minha tia Lygia, que acabou sendo minha segunda mãe, meu próprio pai, minhas outras tias conduziram-me por outro caminho. Desde a mais tenra idade, foi-me mostrado o exemplo de meus pais - dois revolucionários comunistas que passaram por indescritíveis sofrimentos em nome de uma causa maior, a causa da emancipação da humanidade da exploração do homem pelo homem. Ou seja, nas palavras de Karl Marx, lutavam para que a humanidade ultrapassasse sua pré-história, ingressando na verdadeira história, fase em que seriam superadas as injustiças e desigualdades sociais, em que não mais existiria a alienação dos homens.

Desde cedo, aprendi com a vida de meus pais, com o exemplo de minha avó e, em especial, com martírio de Olga, que vale à pena lutar por um mundo melhor, mais belo e mais justo; que vale à pena ter esperança num futuro melhor para toda a humanidade. Aprendi que não devemos compactuar com a injustiça, que é necessário lutar contra ela e que, apesar de todas as dificuldades, das derrotas

Fotos Arquivo/DN



Olga Benário Prestes, esposa de Prestes

e sofrimentos, dos erros e dos fracassos, a humanidade caminha para frente, e os homens encontram maneiras de aperfeiçoar seus modos de viver. Hoje, na qualidade de historiadora que sou, entendo que esses ensinamentos recebidos na infância são verdadeiros: a história da humanidade nos mostra que o progresso é a tendência geral das sociedades humanas, embora se realize através de múltiplos e imprevisíveis retrocessos momentâneos, que por vezes podem durar muito, levando em conta o quanto a vida humana é efêmera.

Em suas cartas enviadas do cárcere, onde permaneceu durante nove longos anos, meu pai revelava a preocupação de que eu soubesse que nem ele nem Olga se sentiam infelizes com a sorte que o destino lhes reservara. Pelo contrário, apesar dos sofrimentos, apesar da imensa tristeza de se encontrarem separados um do outro, longe da filha e das pessoas que mais amavam, consideravam-se felizes por terem consciência do dever cumprido. E nisso, para eles, consistia a mais completa felicidade.

Da mesma forma, minha mãe, nas poucas cartas que conseguiu mandar do cativo, expressava o desejo de que eu fosse uma criança feliz e alegre, orgulhosa de meus pais terem se empenhado na luta por um mundo melhor, sem queixas nem arrependimentos. Seu sacrifício não era maior do que o de milhões de outros seres humanos que, naquele momento, enfrentavam os horrores da noite fascista que se abatera sobre a nossa civilização.

Havia, contudo, uma diferença importante. Meus pais, distintamente de milhões de inocentes que, como Anne Frank, sofriram e morriam sem conhecer as causas de tamanha desgraça, tinham consciência do fenômeno fascista e do seu perigo para a humanidade. Por isso, haviam lutado contra ele com todas as suas energias. Derrotados arcavam com as conseqüências de seu gesto. Mantinham-se, porém, confiantes de que o fascismo e sua variante alemã - o nazismo - seriam vencidos, como de fato se verificou, com a derrota dos países do Eixo, no final da Segunda Guerra Mundial.

Sua confiança decorria da profunda convicção científica que ambos haviam adquirido ao estudar o marxismo e ao travar conhecimento com a experiência pioneira de construção de uma sociedade socialista na União Soviética. A teoria marxista do socialismo científico lhes permitia compreender que o fascismo não podia ser explicado apenas pela loucura de um homem ou pelas tradições autoritárias ou militaristas de algumas sociedades. O fenômeno fascista expressava basicamente a crise que o sistema capitalista atravessava nos anos

30, representava a resposta do grande capital ao avanço do movimento operário em países como a Itália e a Alemanha.

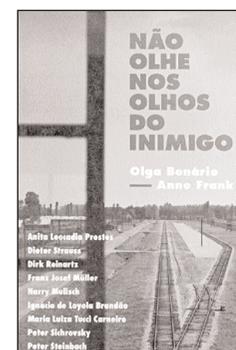
A construção do socialismo na URSS lhes mostrara a superioridade desse sistema social em comparação com o capitalista. Apesar de imensas dificuldades enfrentadas pelo povo soviético, sitiado pelas potências imperialistas, as grandes conquistas do socialismo já eram visíveis através da realização concreta dos direitos sociais alcançados pelos trabalhadores. Nenhum país capitalista fora capaz de resolver os problemas básicos do homem como em poucos anos o fizera o primeiro país socialista.

Naqueles anos terríveis, quando o fascismo tomava conta da Europa e a guerra revelava toda sua crueldade, poucos acreditavam na possibilidade de sua derrota. Posso orgulhar-me de que minha família - meus pais, minha avó Leocádia, minhas tias -, conhecedora da fibra do povo soviético, jamais tenha duvidado de sua vitória final no grande conflito que sacudiu o mundo. Essa confiança, aliada à compreensão do caráter profundamente retrógrado do fascismo, que o condenava, portanto, ao desaparecimento, permitiram aos meus pais resistir, com firmeza e sem perder as esperanças, às terríveis provocações a que foram submetidos durante aqueles anos tormentosos. Segundo os testemunhos de companheiras do campo de concentração, Olga jamais se entregou ao desespero nem ao conformismo, lutou até o último momento de sua curta vida, infundindo coragem e confiança no futuro em todos aqueles que a rodeavam.

Inspirada no exemplo de meus pais, mantenho firme convicção de que para impedir a repetição do genocídio cometido pelo nazifascismo é necessário não eludir suas causas mais profundas. Se o Holocausto foi um crime hediondo, o fascismo não se resumiu ao Holocausto. E isso precisa ser dito, para que as gerações atuais não se iludam com a mensagem, que lhes é insistentemente transmitida, de que o nazismo teria sido uma espécie de loucura coletiva, centrada no ódio irracional aos judeus.

Sim, milhões de judeus foram sacrificados, mas por que não denunciar também o sacrifício de tantas outras nacionalidades, como ciganos, russos, ucranianos, poloneses etc.? Como não lembrar, junto com Anne Frank, as milhares de crianças das regiões ocupadas pelos nazistas, que foram arrastadas, com seus pais, aos campos de concentração e às câmaras de gás? E por que não recordar que as primeiras vítimas do nazifascismo, os primeiros a serem presos, foram os comunistas e os social-democratas? Minha mãe foi deportada para a Alemanha nazista porque era comunista. A condição de judia constituiu apenas um agravante em sua situação de prisioneira.

Creio que renunciar ao exame dos determinantes econômicos, sociais e políticos do fascismo só pode ser prejudicial ao esforço de todos os homens e mulheres de bem, que desejam ver os horrores do passado sepultados para sempre.



Artigo transcrito do livro "Não Olhe nos Olhos do Inimigo"

# MARIA CONCEIÇÃO P. DE GÓES

Fotos Arquivo/DN



Professora Conceição de Góes, historiadora da UFRJ e amiga pessoal de Anita Leocádia Prestes

Anita Leocádia é nascida de dois jovens apaixonados cujo amor misturava-se com um sonho belo e generoso de mudar o mundo, de torná-lo igualitário. Um jovem casal, cuja herança deixada foi essa dedicação total à causa socialista, na tentativa de mudar as estruturas brasileiras. Era o início do século XX. O capitalismo estava em ascensão crescente, criando uma sociedade de classes e tornando as jovens Repúblicas latino-americanas dependentes das nações onde a acumulação capitalista se fizera às custas da mais-valia retirada dos trabalhadores, da dominação colonial oriunda do ocidente europeu e dos Estados Unidos da América do Norte.

Luís Carlos, jovem tenente, amargava, ainda a derrota do movimento tenentista, que tentara reformar as instituições brasileiras e derrotar as oligarquias. Neste sentido, fez com outros companheiros a Longa Marcha, a chamada Coluna Prestes, percorrendo o Brasil sem conseguir o seu intento. Exilou-se na Bolívia. Teve acesso às teorias marxistas, foi até à Rússia, onde desde 1917 tentava-se implantar o socialismo e se organizara a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Conseguiu chegar até Moscou, fez cursos de marxismo e conheceu a bela e jovem revolucionária, Olga. Voltaram juntos para o Brasil. Era a década de 30. O Brasil, após a crise de 1929, procurava implantar a industrialização. Vargas recém-chegado ao poder, desalojara parte das oligarquias e, com a acumulação oriunda das exportações tenta modernizar o Estado. Modernização naquele momento, era sinônimo de industrialização. Industrialização também significava o crescimento da classe operária.

Luís Carlos Prestes acreditava que havia espaço no Brasil para as idéias socialistas. O Partido Comunista que fora fundado em 1922, ligado à Internacional Comunista, acolheu Prestes e Olga que passaram a liderar o movimento em busca das transformações sociais que levariam ao socialismo. Na década de 30 crescia o autoritarismo nazifascista que encontrara na Itália e na Alemanha terreno fecundo. Este, um

contraponto ao comunismo.

Exatamente em 1933, o Partido Nazista vence as eleições na Alemanha. Hitler é escolhido como Chanceler.

Os jovens revolucionários, Olga e Luís Carlos, não obstante a luta política, apaixonados, casaram-se.

Era a década de 30. O processo histórico estava em acelerada transição. A União das Repúblicas Socialista Soviética, também aumentava sua industrialização.

A Internacional Comunista propõe a luta imediata pela Revolução, no mundo. No Brasil ocorrem os levantes antifascistas de Natal, Recife e Rio de Janeiro. Então, a polícia de Vargas, desencadeia uma repressão inaudita sobre as forças políticas antifascista.

Luís Carlos e Olga são presos. O espírito da época é simbolizado pelas ações de Filinto Miller, este, um tenente expulso da Coluna Prestes por atos ilícitos.

Com o Estado Novo, instala-se o Tribunal de Exceção que inspira a expulsão de Olga. Vargas e Filinto Miller entregam a revolucionária e judia alemã, em adiantado estado de gravidez à GESTAPO de Hitler. Num Campo de Concentração nazista nasce Anita. Olga morre. Anita vive, graças a um movimento internacional liderado por Leocádia Prestes, sua avó, Anita é entregue à família. Leocádia e Lygia sua irmã, dedicam-se à educação de Anita.

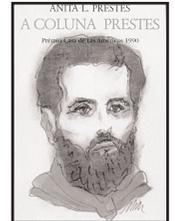
Esta luta de Anita pela vida, e a coerência herdada forjaram seu caráter de profissional lúcida e de combatente indômita.

Convivo com Anita há alguns anos. Juntas trabalhamos no Curso de História na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde ela é amada e respeitada por alunos e colegas de profissão. O traço marcante de sua personalidade é a seriedade profissional, e também, uma certa humildade estampada em seus belos olhos claros.

Maria Conceição Pinto de Góes, professora do Departamento de História da UFRJ e coordenadora do doutorado de História Comparada

## OBRAS EDITADAS POR ANITA PRESTES

A Coluna Prestes



Anos Tormentosos  
- Luiz Carlos Prestes  
(Correspondências da Prisão 1936-1945)  
Volumes I, II e III

Da Insurreição Armada (1935) à União Nacional (1938-1945)



## DOCUMENTO



A carteira de identificação de Anita no Campo de Concentração



O escritor Graciliano Ramos e uma de suas principais obras, *Memórias do Cárcere*, que conta sua passagem pela prisão. A obra é analisada pela professora Brasília Carlos Ferreira em seu artigo, escrito especialmente para esta edição do DN Educação

Fotos Arquivo/DN



# Política e literatura

*Começamos oprimidos pela sintaxe e acabamos às voltas com a Delegacia de Ordem Política e Social, mas, nos estreitos limites a que nos coagem a gramática e a lei, ainda nos podemos mexer.*

Graciliano Ramos

Completa 70 anos a Insurreição Comunista que eclodiu em Natal no dia 23 de novembro de 1935, tendo durado três dias. Nos dias 24 e 27 do mesmo mês houve tentativas frustradas de repetir o feito em Recife e no Rio de Janeiro. O recuo temporal favorece a rememoração do episódio: motivações, atores e conseqüências. E, através dele, refletir sobre os tortuosos caminhos da democracia brasileira. Também é ocasião propícia para celebrar os homens e mulheres que participaram daquele movimento, os conhecidos e os anônimos, que sofreram as agruras das prisões e das torturas e os que pagaram com a vida o empenho na luta por seus ideais.

Os anos trinta são fundamentais na história política do país. Marcam a entrada dos trabalhadores urbanos na cena pública, admitidos como interlocutores pelos vitoriosos da Aliança Liberal que levou Getúlio Vargas ao poder. Para os trabalhadores norte-rio-grandenses é um período de efervescência política, o movimento sindical está em ascenso alimentado pela disputa entre cafeístas e comunistas. O Partido Comunista se volta para a organização sindical, formando os

trabalhadores com o discurso ideologizado e sectário da frente única.

Era um tempo de ideais. Tempo de disputa em que tomar partido era fatal. A compreensão dos acontecimentos de 1935 e suas conseqüências passa pelos contextos nacional e local caracterizados por práticas políticas marcadas pelo radicalismo. No plano nacional, frente ao avanço do integralismo, os comunistas substituem a tática de frente única então em vigor, pela frente popular contra o fascismo e, em março de 1935, fundam a Aliança Nacional Libertadora. Formada como uma frente popular antifascista e antiimperialista, a ANL seria o primeiro movimento de massas de caráter nacional, chegando a organizar 1.600 núcleos em todo o país. Tendo Luís Carlos Prestes como Presidente de Honra, a ANL reuniu ex-tenentes, comunistas, socialistas, democratas e liberais. Para ela convergiram setores da classe média, estudantes e trabalhadores.

No plano local, circulavam rumores de que estava em preparação um movimento liderado pelos comunistas. A explicação para este evento está relacionada à cultura de rebelião que vinha se formando desde os anos 20, com o protagonismo de militares, do qual a Coluna Prestes é exemplar. As rebeliões tenentistas que pontuaram os anos 20, a vitoriosa Aliança Liberal dos anos 30, as disputas políticas locais, a acirrada disputa das eleições de 1934, somadas à contenda entre comunistas e integralistas, eram o caldo de cultura que fazia germinar as idéias de sublevação que impregnavam os militares do 21º BC e alimentavam o grupo de militantes comunistas.

As consignas Deus, Pátria e Família X Terra,

Trabalho e Liberdade, contrapunham integralistas e comunistas em confrontos de rua, não sendo raros os episódios marcados pela violência do enfrentamento direto. A ANL defendia um programa nacionalista de reformas sociais, econômicas e políticas, que incluía a reforma agrária. Aproveitando o apoio da sociedade à causa antifascista, Prestes lança, em julho de 1935, um manifesto pedindo a renúncia de Vargas. Em represália, o governo decretou a ilegalidade da ANL e o conseqüente fechamento de suas sedes em todo o país.

A revolta começou dia 23 em Natal com a sublevação do 21º BC. A escolha das datas permanece obscura em meio às versões disponíveis. Há quem afirme que a data teria sido marcada através de um telegrama falso do Chefe de Polícia, que já estava informado da iminência do movimento. Outros dizem que houve má interpretação da senha: a senha era 2 e 3, para ser interpretada como 25, mas foi lida como 23. Uma terceira versão afirma que o próprio Getúlio Vargas estava avisado do levante e mantinha a polícia atenta, na vigilância aos comunistas, desde a extinção da ANL.

Em qualquer dos casos, sobra estranheza diante da impossibilidade de que a rebelião fosse bem-sucedida. Ainda assim, o movimento pôs em fuga o governador Rafael Fernandes e todo o secretariado que no momento do ataque se encontravam no Teatro. Além disso, houve tentativa de expandir o movimento para as cidades do interior do estado, para onde seguiram caravanas dirigidas por militantes do Partido com a missão de destituir os prefeitos locais, nomear pessoas de confiança e implantar o socialismo, segundo depoimento de um dos participantes.

Tomou posse uma Junta Revolucionária assim constituída: Sargento Quintino Clementino Barros, Defesa; Lauro Lago, Interior e Justiça; José Macedo, Finanças; João Galvão, Viação; José Praxedes, Aprisionamento. Segundo Praxedes, João Lopes também integrou a Junta, que permaneceu no poder durante três dias.

Fracassado o levante, o governador reassumiu o governo do Estado e junto com as elites proprietárias iniciou a grande revanche. Rafael Fernandes era proprietário de salinas em Mossoró e o PCB havia organizado o sindicato dos operários em salinas, um sindicato fortemente ideologizado e que já realizara greves importantes e vitoriosas. Era uma categoria numerosa e até nos confrontos com o pequeno contingente policial, os trabalhadores eram vencedores, por estarem em maioria.

Chegara a hora da desforra. Foi organizada uma expedição punitiva que saiu recolhendo os trabalhadores sindicalizados, os militantes do PCB, os adversários políticos. Prefeitos que eram adversários do governador refugiam-se para não serem presos. Foi enviado telegrama ao Ministro da Justiça denunciando a perseguição. Interrogado, o governador reafirma a condição de extremistas dos seus opositores e legítima a caçada.

A repressão atingia a todos os adversários do

grupo no poder. Os cafeístas, os não cafeístas, partidários da Aliança Liberal, todos foram presos sob acusação de comunistas. A fúria maior abateu-se sobre os sindicatos, especialmente o das salinas. O fracasso do Levante ofereceu o pretexto para a destruição dos sindicatos. As sedes foram invadidas, o mobiliário e o material existente destruído e toda a diretoria presa.

No dia 24, em Recife, rebelaram-se duas unidades militares, recebendo a adesão de trabalhadores. São rapidamente dominados. Gregório Bezerra, um dos líderes do movimento foi preso em João Pessoa, conduzido a Recife e torturado. Transferido para a ilha de Fernando de Noronha, foi condenado pelo Tribunal de Segurança Nacional a 28 anos de prisão. Três dias depois, 27 de novembro, sublevou-se o 3º Regimento de Infantaria, na praia Vermelha, e a Escola de Aviação, no Campo dos Afonsos, ambos no Rio de Janeiro. Dois batalhões, sob o comando do capitão Agildo Barata, tentaram sair às ruas, sendo rapidamente controlados.

As tentativas de rebelião deixaram marcas decisivas na cena política brasileira. De um lado, revelou o distanciamento entre a esquerda organizada e a população. De outro, forneceu pretexto para o pensamento conservador ressaltar uma pretensa vocação golpista e antidemocrática das esquerdas. O movimento frustrado alimentou nas forças conservadoras seu ideário anti-mudanças e anti-povo.

O ponto comum aos três movimentos é a participação determinante do PC, mesmo que jamais assumida oficialmente pelo partido. Em Natal foi publicada uma carta em um jornal chamado "A LIBERDADE", cujo título-exortação diz bem a inspiração do movimento: Delenda, Fascismo! Visto com olhos de hoje, soa incompreensível e politicamente voluntarista um movimento com aquelas características. Ele só pode ser compreendido no contexto de intensa agitação social, rebeldia dos militares e presença ativa

## As tentativas de rebelião deixaram marcas decisivas na cena política brasileira



Lauro Lago, secretário de Interior e Justiça do Governo Comunista, e Mário Paiva: 10 anos de prisão

Fotos Arquivo/DN



O escritor Graciliano Ramos durante o processo de escrita

do PCB naquele período.

Malgrado o levante, foi decretado o Estado de Sítio em todo o país. Tem início uma caçada inédita na história brasileira. Rebeldes, simpatizantes, sindicalistas e pessoas alheias ao movimento são perseguidos, presos, torturados, mortos. As prisões recebem centenas de pessoas, muitas das quais em função de querelas locais, sem a menor ligação com a rebelião. Muitos caem na clandestinidade. Prestes é preso, permanecendo na prisão até 1945. Sua mulher, a judia Olga Benário é entregue à Gestapo, polícia política nazista, e viria a morrer em um campo de concentração da Alemanha, em 1942.

Graciliano Ramos é um caso exemplar. Foi preso em Maceió sem acusação formal, somente viria se a filiar ao PCB em 1947. Sobre sua prisão se expressa de forma concisa, quase telegráfica, enigmática como uma charada: não me acusavam: suprimiam-me. Aquela contradança desorientava-me. Foi levado para Recife e de lá para o Rio de Janeiro, onde passou por várias prisões: Pavilhão dos Primários da Casa de Detenção, Colônia Correccional de Dois Rios (na Ilha Grande), novamente Casa de Detenção e, por fim, ficou na Sala da Capela de Correção.

Em todas elas, conviveu com muitos dos que haviam participado da rebelião de 1935, e com tantos outros que, tal como ele, não tiveram qualquer vinculação. A amarga experiência nas prisões, junto com centenas de homens e mulheres de diversos estratos sociais e níveis distintos de implicação com os acontecimentos de 1935, levaram-no a produzir uma obra memorialística, Memórias do Cárcere, que deixada inconclusa, viria a ter publicação póstuma.

Originalmente disposto em quatro volumes, Memórias do Cárcere é um documento/monumento de uma época. Fala de um momento particular da história de nosso país, um tempo de opressão em que homens e mulheres idealistas, partidários da democracia e da liberdade foram obrigados a habitar celas de prisões. Nele, Graciliano, registra a violência do Estado Novo sobre as pessoas acusadas de conspirar contra o governo Vargas. Através de sua narrativa acompanhamos não apenas sua trajetória nas prisões, mas também a de muitos outros brasileiros e estrangeiros, militantes comunistas e não comunistas, homens e mulheres feitos prisioneiros a partir da fracassada tentativa de sublevação que entraria para a história como o Levante Comunista de 1935.

Em Memórias do Cárcere, Graciliano descreve sua via-sacra e de seus companheiros de prisão de maneira seca, realista, sem adjetivações. Como se fizesse uma autópsia. Não há emoção ou revolta. Apenas a constatação de que o tempo virara e que a brutalidade da prisão lançara seu manto escuro sobre aquelas pessoas. Não se esforça em fazer ficção, é de realidade que se faz sua escrita e nela coisas, acontecimentos e pessoas figuram com suas próprias estaturas. Sem adornos. O texto evoca uma certa amargura que é a matéria daqueles tempos difíceis. Preso, sem acusação formal, sem previsão do tempo de permanência na prisão, sua narrativa capta não apenas suas agruras, volta-se para a variada fauna humana que o cerca, os seus próximos não escolhidos, e os descreve com o mesmo distanciamento e desgosto com que descreve a si mesmo.

Em certo momento ele escreve: o mundo se tornava fascista. Num mundo assim, que futuro nos reservariam? Provavelmente não havia lugar para nós, éramos fantasmas, rolaríamos de cárcere em cárcere, fındaríamos num campo de concentração. Nenhuma utilidade representávamos na ordem nova. Se nos largassem, vagaríamos tristes, inofensivos e desocupados, farrapos vivos, fantasmas prematuros; desejaríamos enlouquecer, recolhermo-nos ao hospício ou ter coragem de amarrar uma corda ao pescoço e dar o mergulho decisivo. Essas idéias, repetidas, vexavam-me; tanto me embrenharam nelas que me sentia inteiramente perdido.

Graciliano fora Prefeito de Palmeira dos Índios e Secretário de Instrução Pública de Maceió, mas se realizava como escritor. Através do texto fino, cortante, sem gorduras, era possível apreender nele as idéias que alimentavam a pena exigente. Graciliano tinha olhos de ver e era crítico do que via: uma cidade, um estado, um país, voltado para sua própria mediocridade. As críticas aos privilégios, as idéias contrastantes com o pensamento em voga, levaram-no à prisão. O que eu desejava era a morte do capitalismo, o fim da exploração, diz ele, como se fosse pouco.

Trabalhadores norte-rio-grandenses que partilharam com Graciliano as mesmas pri-

sões e a angústia de vir-a-ser, foram imortalizados em sua obra. Entre as páginas surgem, entre outros, Lauro Lago e José Macedo, Secretários do Interior e da Fazenda da Junta Provisória de Natal em 1935. Segundo Graciliano, tinham-se agüentado 48 horas, esperando que o resto do país se rebelasse. Além deles, havia muitos outros norte-rio-grandenses, como Epifânio Guilhermino, João Francisco Gregório, João Rocha, Paulo Pinto, Sebastião Félix, Euclides, Gastão, Domício Fernandes, Ramiro Magalhães, Carlindo Revoredo, Mário Paiva, Carlos Van der Linden, Horácio Valadares, João Anastácio, Paulista. Também foram seus contemporâneos na prisão, Herculino Cascardo, Agildo Barata, José Medina, Rodolfo Ghioldi, Lourenço Moreira Lima, Álvaro Ventura, Apolônio de Carvalho e Antônio Maciel Bonfim, o polêmico Miranda, dirigente partidário que entraria na história como informante da polícia. Entre as mulheres estavam Nise da Silveira, Olga Prestes, Elisa Berger, Carmem Ghioldi, Leonila, Maria Joana, Maria Werneck, Rosa Meireles, Valentina e Beatriz Bandeira.

Muitos dos nomes citados já eram pessoas conhecidas, fizeram história, seus nomes figuram em livros, são estudados nas universidades. Outros, tornaram-se profissionais de destaque, nas suas áreas de atuação, como Nise da Silveira, notável psiquiatra que viria a fundar o Museu do Inconsciente. Mas, entre os prisioneiros e prisioneiras, também havia homens e mulheres simples, estivadores, trabalhadores em salinas, sindicalistas. A referência a eles, mesmo aos desconhecidos, é uma espécie de reconhecimento de sua existência, finalmente, foram atores importantes num certo momento da história, ousaram desafiar o conservadorismo reinante, e propor alterações na sociedade. Isso lhes dá o direito à imortalidade.

Mas, naquele momento, eram apenas seres humanos ordinários, tragados pelo braço forte do autoritarismo, sem grandes chances de sobrevivência. Haviam deixado para trás, família, trabalho, a comunidade de pertencimento. Levavam consigo apenas os ideais. O próprio Graciliano, já um escritor reconhecido e admirado, expressa a fragilidade de suas vidas, ao afirmar o quanto eram vulneráveis: éramos insignificâncias, miudezas supressas do organismo social, e podíamos ser arrastados para cima e para baixo, sem que isto significasse inconveniência. Informações vagas e distantes, aleivosias, o rancor de um inimigo, deturpações de fatos de repente nos causariam choque e mudanças. Dependíamos disso.

Mas, a convivência com militares traz surpresas para Graciliano. Ele descobre que a solidariedade não é atributo de classe, de raça, de categoria profissional, dos militares ou dos paisanos. Ele descobre o ser humano, em sua condição de ser humano. Sem rótulos. Antes de embarcar de Recife para o Rio de Janeiro, o capitão Lobo o surpreende com a oferta de empréstimo, para prover necessidades futuras nas próximas cadeias. Diante de fato surpreendente, reage com humildade: realmente a desgraça nos ensina muito; sem ela eu continuaria a julgar a humanidade incapaz de verdadeira nobreza.

Deportado para o Rio de Janeiro, com uma breve passagem por Recife, permaneceu preso até 1937. Sem culpa formada. Ele próprio admite sua hesitação em traduzir em texto a experiência. Tanto assim que demorou quase 10 anos a fazê-lo. Jus-

tifica o ato de escrever as memórias de um tempo sombrio: resolvo-me a contar, depois de muita hesitação, casos passados há dez anos. Escreverei talvez asperezas, mas é delas que a vida é feita. Ele fora preso por culpa de pensamento, por escrever livros perigosos. Minhas armas fracas e de papel somente podiam ser manejadas no isolamento.

A memória daqueles episódios, além de possibilitar a reflexão sobre evento singular de nossa história política, nos oferece a oportunidade de lançar um olhar crítico sobre o Século XX do qual este conflito é apenas um dos episódios. Ele teve como marca central a disputa entre comunistas e anticomunistas. No Brasil, como lá fora, a disputa capitalismo X socialismo dividiram corações e mentes. A disputa entre os dois projetos de sociedade trouxe a guerra fria e a reforma do capitalismo produziu o estado de bem estar social. A rememoração dos eventos de 1935, traz de volta um tempo em que as disputas políticas eram balizadas por utopias.

O episódio de 35 forneceu as bases políticas e sociais para a forte tradição anticomunista na sociedade brasileira. Tradição que se alimentou da difusão de versões apócrifas sobre 1935, divulgadas pelo Estado e pelo pensamento conservador. O conjunto de representações sobre o evento produziu um vigoroso imaginário anticomunista, que desde então, pontua negativamente o espaço da política. As construções em torno da Insurreição Comunista, forjaram os pilares do agressivo anticomunismo brasileiro, respaldando atitudes repressivas contra ações e práticas de esquerda em nosso país.

Hoje, 70 anos depois, vivemos em um outro mundo. A ausência de utopia atingiu fortemente as instituições tradicionais de representação como Partidos e Sindicatos. A crise da esquerda ampliou-se. O século XX destruiu as certezas ao evidenciar a crise do projeto civilizatório. Crise dos paradigmas, fim das grandes narrativas, emergência da mídia como criadora de uma nova historicidade. Esses acontecimentos vão alterar profundamente a vida política das sociedades. No contexto da crise da modernidade, fez-se tábula rasa das conquistas sociais e econômicas resultantes de mais de cem anos de lutas sociais, vistas agora como arcaísmos e entraves à nova ordem neo-liberal. As idéias de tradição, memória, passado, experiência cedem lugar à efemeridade dos saberes e à fragmentação do social.

Tudo isso conduz ao estranhamento da Insurreição de 1935, um evento da época em que a luta pelo socialismo enchia o mundo de esperança. Mas, para além de avaliações e julgamentos, erros e acertos, vale a pena lembrar um tempo em que a capacidade de sonhar e de lutar pela utopia de um outro Brasil mobilizava homens e mulheres, letrados, e trabalhadores braçais. Afinal, apesar de todas as mudanças permanece a certeza de que é a partir da ação dos homens e mulheres, que se dá forma à sociedade. Portanto, sempre será tempo de mudar o mundo mudado.

**Brasília Carlos Ferreira é  
Professora do Depto  
de Ciências Sociais da UFRN**

Arquivo/DN



Eliezer, Macedo e Galvão, secretários de Estado, foram presos e condenados há 10 anos